

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME VII



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1968

VIDROS ROMANOS DE MUSEUS DO ALENTEJO E ALGARVE

Publicamos, neste artigo, os vidros romanos dos seguintes museus: Arqueológico e Lapidar do Infante D. Henrique (Faro), Regional de Lagos, Municipal de Eivas, Regional de Évora, Regional de Beja, Arqueológico das Minas de Aljustrel, Municipal de Santiago do Cacém, das Ruínas de Miróbriga (Santiago do Cacém) e Municipal de Setúbal. Agradecemos à Fundação Calouste Gulbenkian o subsídio que nos permitiu, em 1966, visitar estes museus e estudar as suas colecções de vidros lusitano-romanos. Agradecemos também as facilidades que nos concederam os directores ou conservadores dos museus, respectivamente: Dr. Mário Lyster Franco, Engenheiro José Ramos Formosinho, Dr. Eurico Gama, Senhor José Patronilho, Dr. Bélard da Fonseca, Engenheiro Ruy Freire d'Andrade, Senhora D. Maria Amália Guerreiro, Prof. Doutor D. Fernando de Almeida e Engenheiro João Botelho Moniz Borba. Agradecemos finalmente ao Dr. D. B. Harden os esclarecimentos que nos prestou acerca de algumas peças.

1 — MUSEU ARQUEOLÓGICO E LAPIDAR DO INFANTE D. HENRIQUE (FARO)

Os vidros romanos recolhidos no Algarve por Estácio da Veiga e Santos Rocha — os dois arqueólogos a quem mais deve a arqueologia algarvia — encontram-se, não nos museus daquela província, mas no Nacional de Arqueologia e Etnologia (Lisboa) e no Municipal da Figueira da Foz. Em Faro, no Museu Arqueológico e Lapidar do Infante D. Henrique, há todavia alguns vidros recolhidos há muitos anos na área de Tavira e em Mandil ou descobertos, mais recentemente, na própria cidade de Faro.

Procedem de uma sepultura de perto de Tavira (antiga Balsa?) publicada em 1896 por Monsenhor Cónego Pereira Botto os números 1 a 5 deste artigo. Apenas os números 1 e 2 conservam etiquetas de papel onde se lê que foram encontrados em Balsa; mas do confronto da gravura publicada n'0 *Archeologo Português* com as peças do Museu

de Faro pode concluir-se que também os números 3, 4 e 5 foram achados no mesmo túmulo. A sepultura, achada na Quinta das Antas no aro de Tavira, continha ainda uma lucerna, um vaso de barro, um alfinete de toucado, uma pinça depilatoria, uma caixinha de marfim e um *quadrans* de Cláudio. Tudo Pereira Botto representou na estampa que acompanha o artigo d'O *Archeologo Português*. A moeda de Cláudio (TI. CLAVDIVS CAESAR AVG. Mão segurando balança; no campo, P.N.R. Rev: PON.M.TR.P.IMP.COS.DES.II à volta de S. C. Cfr. Mattingly e Sydenham, *Roman Imperial Coins*, I, p. 130, Claudius, 74) permite-nos datar a sepultura dos meados do século I d.C.. A comparação dos unguentários com paralelos de outros lugares confirma esta cronologia (2).

Foram também encontrados na área de Tavira os números 6 e 7: o primeiro tem etiqueta com o nome de Balsa e a do segundo reza que foi encontrado em Torre de Ares (que dista de Tavira 6 quilómetros). Ignoramos o nome do achador e a data do achado nem sabemos se alguma vez foram ilustrados ou apenas referidos por alguém. Cremos todavia que não. Referências concretas a vidros romanos achados no aro de Tavira só as encontramos no artigo citado de Pereira Botto, no *Relatório sobre o Cemitério Romano descoberto próximo da Cidade de Tavira* em 1868 assinado por Augusto Carlos Teixeira de Aragão (Lisboa, 1868), e numa nota de J. Leite de Vasconcelos sobre «Antigualhas de Torre de Ares» publicada n'0 *Archeologo Português* (3). Dos vidros referidos por Teixeira de Aragão e que ficaram, diz o autor, na posse do proprietário das terras, não conhecemos o paradeiro.

De Bela (Mandil) são os números 8, 9 e 10. Foram achados em uma sepultura que continha também uma moeda de Cláudio (4).

(2) Vid. sobre esta sepultura J. M. Pereira Botto, «Archeologia do Algarve. Aro de Tavira», *O Archeologo Português*, II (1896), pp. 152-53. O autor atribui erradamente a moeda a Tibério.

(3) Vid. *O Archeologo Português*, XXIV (1920), 230. Também Leite de Vasconcelos, na mesma revista, XXII (1917), p. 216 e Teixeira de Aragão, ainda n'0 *Archeologo Português*, II (1896), p. 57, se referem a «unguentários de vidro» e «vasos de vidro» aparecidos em Torre de Ares ou no aro de Tavira, mas sem descreverem, ilustrarem ou indicarem o paradeiro de tais peças.

(4) Vid. Monsenhor Conego Pereira Botto, *Glossário crítico dos principaes monumentos do Museu Archeologico Infante D. Henrique*, Faro, 1899, p. 36.

Os fragmentos 11, 12 e 13 foram achados em escavações efectuadas por Abel Viana no Largo da Sé de Faro em 1933 (5). Nestas escavações A. Viana recolheu numerosos fragmentos de vidro que descreve no artigo citado (6). Na maior parte, esses fragmentos são demasiadamente pequenos para se poderem classificar e não estamos certos de que todos sejam romanos. Com efeito, A. Viana recolheu também abundantes restos árabes mas não pôde distinguir o estrato de ocupação muçulmana do romano. Resolvemos por isso apresentar apenas três fragmentos que nos pareceram mais interessantes mas que não ousamos todavia afirmar sejam indiscutivelmente romanos.

O Museu de Faro tem ainda duas peças notáveis encontradas numa sepultura escavada também por A. Viana no Bairro Letes da cidade: são os números 14 e 15 deste nosso artigo (7). No mesmo local, que certamente serviu de necrópole da cidade romana, A. Viana escavou também outras sepulturas; numa delas achou um copo campanular de fundo sextavado que ilustrou no artigo citado (8).

Na mesma sepultura em que se encontraram as peças números 14 e 15 havia também um médio bronze de Tibério; não podemos todavia datar a sepultura do século i d.C.; o número 15 é indiscutivelmente uma peça do século m ou iv.

Finalmente, ainda no mesmo museu, e sem indicação de proveniência, encontram-se as peças 16 a 21.

1 — *Unguentário* (Est. X).

Vidro verde-gelo com muitas bolhas de ar, espuma, impurezas negras e estrias resultantes da soflagem.

Leitosidade incipiente e ligeira irisão.

(5) Relatadas em «Restos de Ossonoba, no Largo da Sé, em Faro», *Revista do Sindicato Nacional dos Engenheiros Auxiliares, Agentes Técnicos de Engenharia e Condutores*, n.ºs 39-49 (1949).

(6) P. 373 e 447-48.

(7) Vid. A. Viana, «O cemitério luso-romano do Bairro Letes (Faro)», *Bro-téria*, LIII (1954), pp. 145-65.

(8) Em «Vidros romanos em Portugal. Breves notas», publicadas em *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XVIII (1959) fig. 7, A. Viana dá este copo como existente no Museu de Faro. Não o encontrámos, porém, lá. Além disso, em «O cemitério luso-romano do Bairro Letes (Faro)», pp. 152-53, o autor dá a entender que o copo não foi entregue ao Museu.

Reservatório triangular, de fundo ligeiramente côncavo; gargalo alto e cilíndrico; bordo repuxado para fora e depois revirado para dentro.

Altura: 153 mm. Diâmetro máximo: 73 mm. Diâmetro da boca: 40 mm.

Espessura do vidro na base: 3 mm.

Proveniência: sepultura de Balsa (Tavira).

Este unguentário, de reservatório triangular, é contemporâneo de uma forma mais comum e aqui representada pelos números 8, 18, 19 e 28: o unguentário bulbiforme. Assim o entendeu Harden, que incluiu no seu grupo B i b de Vasa unguentários triangulares e bulbiformes (9). Discutimos em 1963 (10) a cronologia dos unguentários bulbiformes que, no Ocidente, se começaram a fabricar na segunda metade do século i d.C.

2— *Unguentário* (Est. IX).

Vidro azul-Caran d'Ache com bolhas de ar e estriado da soflagem.

Ligeiramente picado. Irisão, com aspecto nacarado pelo interior.

Reservatório oval, de fundo côncavo; gargalo alto, estrangulado na base; bocal afunilado; bordo de arestas vagamente polidas ao fogo.

Altura: 123 mm. Diâmetro máximo: 27 mm. Diâmetro da boca: 21 mm.

Espessura do vidro: 1 mm.

Proveniência: sepultura de Balsa (Tavira).

O número 2 é um unguentário de tipo Isings 8. O estrangulamento, situado abaixo da linha média, leva-nos a datá-lo da época de Cláudio a Tito (11), o que, aliás, concorda com o achado de uma moeda de Cláudio na mesma sepultura.

3 — *Unguentário* (Est. IX).

Vidro vagamente tingido de verde-sombrio, com bolhas de ar, impurezas negras e estrias resultantes da soflagem.

Gargalo e bordo partidos e incompletos. Leitosidade incipiente e ligeira irisão.

Reservatório em forma de gota, muito alongado, com base côncava.

Altura: 100 mm. Diâmetro máximo: 20 mm. Espessura do vidro: 0,5 mm.

Proveniência: sepultura de Balsa (Tavira).

(9) Harden, «Roman Tombs at Vasa: the glass», *Report of the Department of Antiquities, Cyprus*, 1940-48, pp. 58-59.

(10) Alarcão, 1963, pp. 200-202.

(11) Alarcão, 1964, p. 87 e nota 2.

Os unguentários em forma de pingo ou de gota são geralmente atribuídos aos reinados de Augusto e Tibério (12). Este, porém, foi encontrado com uma moeda de Cláudio.

4 — *Unguentario* (Est. IX)

Vidro ligeiramente tingido de verde-azeitona, com bolhas de ar, impurezas negras e estrias resultantes da soflagem.

Ligeiramente irisado pelo interior e picado.

Reservatório oval sobre o comprido; gargalo alto, estrangulado no cimo; bocal afunilado; bordo arredondado e polido ao fogo, ligeiramente revirado para dentro, de um lado; fundo ligeiramente arqueado, que não deixa assentar o vaso perfeitamente.

Altura: 96 mm. Diâmetro máximo 44 mm. Diâmetro da boca: 28 mm.

Espessura do vidro: 1 mm.

Proveniência: sepultura de Balsa (Tavira).

Este tipo de balsamário não é comum. H. Roosens publicou um semelhante pelo gargalo e reservatório e só diferente no bordo, em túmulo de Chantemelle (Bélgica), que datou da época de Cláudio (13).

5 — *Unguentário* (Est. IX).

Vidro azul-Caran d'Ache com bolhas de ar.

Irisão com aspecto nacarado pelo interior; picado ligeiramente.

Reservatório oval, de fundo muito levemente côncavo; gargalo alto, muito estrangulado na base; bocal afunilado; bordo de arestas ligeiramente polidas ao fogo.

Altura: 112 mm. Diâmetro máximo: 27 mm.

Proveniência: sepultura de Balsa (Tavira).

Tipo e cronologia: como o número 2 deste artigo.

6 — *Unguentário* (Est. X).

Vidro ligeiramente tingido de verde-sombrio, com bolhas de ar, algumas impurezas negras e estrias.

Ligeiramente picado. Irisado pelo interior, com aspecto nacarado nalguns pontos. Incompleto.

Reservatório triangular; fundo côncavo; gargalo alto e cilíndrico.

(12) Alarcão, 1963, pp. 182-83.

(13) H. Roosens, *Un cimetiere du milieu du 1^{er} siecle à Chantemelle* (Archaeologia Belgica, 21), Bruxelas, 1954, p. 81 e 115.

Altura: 97 mm. Diâmetro máximo: 70 mm. Espessura do vidro: 1 mm.
 Proveniência: Balsa (Tavira)
 Tipo e cronologia: como o número 1.

7 — *Urna* (Est. VI).

Vidro verde-gelo, com algumas bolhas de ar.
 Irisado. Conserva-se apenas o bordo completo e um fragmento do colo.
 Bordo repuxado para fora e depois dobrado sob si, formando uma larga aba horizontal.
 Diâmetro da boca: 150 mm.
 Proveniência: Torre de Ares.

É urna urna do tipo Isings 67A, da segunda metade do século i d.C. Baradez publicou uma urna completa, de bordo muito semelhante ao nosso, encontrada em Tipasa numa sepultura de c. 75 d.C. Também nas necrópoles de Ampúrias há exemplares semelhantes em sepulturas que Almagro datou da época de Cláudio (14).

8 — *Unguentário* (Est. XI).

Vidro verde-azeitona com muitas bolhas de ar, impurezas negras e estrias resultantes da soflagem.
 Completo e intacto, mas riscado pelo uso, picado e com ligeira irisão.
 Reservatório bulbiforme; fundo raso; gargalo alto e cilíndrico; bordo repuxado para fora e logo revirado para dentro.
 Altura: 115 mm. Diâmetro máximo: 68 mm. Diâmetro da boca: 42 mm.
 Espessura do vidro na base: 3,5 mm.
 Proveniência: sepultura de Bela (Mandil).
 Tipo e cronologia: como o número 1 deste artigo. Foi encontrado com os números 9 e 10 numa sepultura com uma moeda de Cláudio.

9 — *Unguentário* (Est. IX).

Vidro ligeiramente tingido de verde-sombrio, com bolhas de ar e estrias resultantes da soflagem.
 Picado e com ranhuras. Ligeiramente irisado pelo interior.
 Reservatório triangular mas de perfil quebrado num degrau; gargalo alto e estreito; bocal afunilado; bordo polido ao fogo.
 Altura: 95 mm. Diâmetro: 34 mm. Diâmetro da boca: 26 mm. Espessura máxima do vidro: 3 mm.

(14) Baradez, «Nouvelles fouilles à Tipasa. Survivances du cuite de Baal et Tanit au I^{er} siècle de l'ère chrétienne, I^{re} partie: Tombe d'un sacrificateur», *Libyca* V (1957), pp. 238 e 258 e fig. 2; Almagro, *Las necropolis de Ampúrias*, II (1955), Tablas no final do volume.

O paralelo mais próximo, que conhecemos, para este unguentário, foi publicado por Fremersdorf, que o atribuiu ao século i ou n (15). O nosso, encontrado com os números 8 e 10 numa sepultura com moeda de Cláudio pode atribuir-se aos meados ou segunda metade do século i d.C.

10—*Unguentário* (Est. X).

Vidro verde-sombrio, com bolhas de ar, estrias e impurezas negras.

Partido e colado, mas quase completo; esborcelado no reservatório; muito picado; fissurado; ligeiramente irisado pelo interior do colo.

Reservatório triangular muito baixo; gargalo cilíndrico; bordo revirado para fora e rematado em pérola.

Altura: 72 mm. Diâmetro máximo: 62 mm. Diâmetro da boca: 52 mm.

Espessura máxima do vidro: 5 mm.

Proveniência: sepultura de Bela (Mandil).

Este tipo de unguentário não é comum. Harden publicou um balsamário de York (Inglaterra) que se aparenta ao nosso e que atribuiu ao fim do século i ou n d.C. (16); o nosso, porém, foi encontrado com uma moeda de Cláudio.

11—*Taça* (Est. III).

Vidro incolor, com pequenas bolhas de ar.

Picado e com irisação prateada.

Bordo envasado, de arestas vivas, com uma ranhura funda pelo exterior.

Altura: 17 mm. Diâmetro da boca: 80 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Proveniência: Largo da Sé, Faro.

Tipo e cronologia: indetermináveis.

12—*Taça* (V) (Est. II).

Vidro incolor.

Picado, irisado e leitoso.

Parede convexa decorada externamente com facetas circulares bastante fundas; sobre elas corre uma moldura feita pelo desbaste do vidro.

Altura: 37 mm. Espessura máxima do vidro: 3,5 mm.

Proveniência: Largo da Sé, Faro.

(15) F. Fremersdorf, *Das naturfarbene sogenannte blaugriine Glas in Koln*, Colónia, 1958, pp. 43-44 e est. 90 à direita.

(16) Harden, «Glass» in Royal Commission on Historical Monuments of England, *An inventory of the historical monuments in the city of York*, vol. I, *Eburacum, Roman York*, Londres, 1962, p. 139, H. G. 217.

Dada a exiguidade do fragmento, é difícil classificá-lo; trata-se talvez de uma taça integrável no tipo B de Clairmont e, por conseguinte, do século ii d.C. (17); fazemos todavia esta classificação com a maior das reservas pois, como dissemos na introdução, nem sequer temos a certeza de que se trate efectivamente de um vidro romano.

13— *Taça* (Est. II).

Vidro quase incolor, apenas levemente tingido de verde.

Irisão grossa e acastanhada pelo exterior.

Parede arqueada, decorada com um fio de vidro branco enrolado em espiral a toda a volta e com traços oblíquos da mesma pasta vítrea branca; bordo ligeiramente engrossado e arredondado.

Altura: 4,5 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Proveniência: Largo da Sé, Faro.

Tipo e cronologia: indetermináveis.

14 — *Copo* (Est. III).

Vidro de leve tom verde-esmeralda com numerosas bolhas de ar, algumas delas enormes e lentoides; estrias resultantes da soflagem; impurezas negras. Vidro de muito fraca qualidade.

Fragmentado e incompleto; riscado pelo uso; picado.

Copa troncocónica decorada com seis depressões; sem pé; bordo de arestas vivas. Na parte superior correm algumas linhas incisas muito irregulares.

Altura: 113 mm. Diâmetro da boca: 98 mm. Espessura do vidro: 0,5 a 3 mm.

Proveniência: sepultura da rua D. João IV, Faro.

Este copo cabe no tipo 32 de Isings, que já se encontra em Pompeia mas que aparece ainda na segunda metade do século m d.C. A variedade de perfis adentro deste tipo é grande, como pode julgar-se pelos exemplares de Chipre publicados por Vessberg (18), mas não se fez ainda um estudo aturado das variantes e da sua cronologia. O nosso copo pode integrar-se na variante IV a 2 de Vessberg. Apesar de ter aparecido com uma moeda de Tibério, numa sepultura que continha também a peça seguinte, cremos dever atribuir-se este copo ao século m pelo mais cedo; o balão número 15 pertence, como veremos, a um tipo essencialmente do século iv.

(17) Clairmont, *The excavations at Dura-Europos, Final Report, IV, Part V* — *The glass vessels*, New Haven, 1963, p. 63; Alarcão, 1965, p. 63.

(18) Vessberg, 1956, fig. 44, 25 a 35.

15— *Balão* (Est. VIII).

Vidro de fraca qualidade, ligeiramente tingido de verde-musgo, com bolhas de ar e muitas estrias resultantes da soflagem.

Fragmentado e incompleto; riscado pelo uso.

Reservatório esférico; fundo ligeiramente côncavo; gargalo alto e afunilado; bordo de arestas polidas ao torno.

O bojo é decorado com um motivo gravado a traço leve. Acha-se dividido em quatro zonas iguais, cada uma das quais apresenta uma láurea com suas fitas pendentes; no centro da láurea, uma folha cordiforme do cimo da qual saem dois gavinhos; algumas incisões acompanham a curva dos gavinhos, cada vez mais curtas à medida que se afastam. A láurea é enquadrada por dois traços largos verticais rematados por volutas. De cada lado do traço, um I com um pequeno círculo acima e outro abaixo. Sobre cada traço vertical, um arco de três quartos de círculo rematado por fechos lentoides dos quais partem flâmulas.

Altura: 166 mm. Diâmetro máximo 115 mm. Diâmetro da boca: 45 mm. Espessura média do vidro: 1 mm.

Proveniência: sepultura da rua D. João IV, Faro.

O balão de bocal afunilado, sem pé, é uma forma dos fins do século ui e sobretudo do século iv d.C. (tipo Morin-Jean 40 e Isings 104 B). Há-os lisos, decorados simplesmente com círculos horizontais como o número 68 deste artigo, outros com ornatos gravados mais elaborados, incluindo motivos historiados, outros ainda pintados (19).

16— *Jarra* (Est. III).

Vidro verde-azeitona com bolhas de ar e pedra.

Partida pelo gargalo; picada e com ligeiras crateras; saís de ferro sobre grande parte da superfície.

Bojo ovoide, decorado com dez depressões estreitas e ovais; linhas finamente gravadas ao torno sobre os ombros; pé repuxado com turquês; fundo côncavo.

Altura: 114 mm. Diâmetro máximo: 66 mm.

Não conhecemos nenhum paralelo exacto para esta peça. Podemos todavia aproximá-la de um vidro de Tipasa, do qual difere por ser menos esguia (20). A decoração aos gomos não é específica de uma determinada época ou forma, e não nos atrevemos por isso a sugerir qualquer cronologia.

(19) Sunkowsky, *Antike Glaser in Carnuntum und Wien*, 1956, ests. 21-22; O. Doppelfeld, *Römisches und Frankisehes Glas in Koln*, Colónia, 1966, est. 164.

(20) Serge Lancei, *Verrerie antique de Tipasa*, Paris, 1967, n.º 78.

17 — *Unguentário* (Est. IX).

Vidro muito ligeiramente tingido de verde-sombrio, com algumas bolhas de ar. Fragmentado e incompleto; picado; irrisado pelo lado de dentro.

Tubular, com estrangulamento; bordo envasado, de arestas arredondadas ao fogo.

Altura: 96 mm. Diâmetro máximo: 31 mm. Espessura do vidro: 1 mm. Proveniência: ignorada.

É um unguentário de tipo Isings 8, da primeira metade do século i d.C. (21).

18— *Unguentário* (Est. XI).

Vidro verde-sombrio com bolhas de ar, grandes e alongadas no colo, mais pequenas e arredondadas no bojo e no bordo; estrias resultantes da soflagem. Completo e intacto.

Reservatório bulbiforme, de fundo ligeiramente côncavo; gargalo alto e cilíndrico; bordo repuxado para fora e depois dobrado para dentro, sobre si mesmo. Altura: 116 mm. Diâmetro máximo: 68 mm. Diâmetro da boca: 40 mm. Espessura do vidro: 2 mm.

Proveniência: ignorada.

Tipo e cronologia: como o número 1 deste artigo.

19— *Unguentário* (Est. XI).

Vidro ligeiramente tingido de verde-azeitona.

Fragmentado e incompleto; picado; com irisão espessa pelo interior, com aspecto nacarado.

Reservatório bulbiforme; gargalo alto e cilíndrico.

Diâmetro máximo: 37 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Proveniência: ignorada.

Tipo e cronologia: como o número 1 deste artigo.

20 — *Unguentário* (Est. X).

Vidro ligeiramente tingido de verde-sombrio, com bolhas de ar e estrias resultantes da soflagem.

Partido pelo gargalo e irrisado pelo interior.

Reservatório triangular; fundo levemente côncavo.

Altura: 63 mm. Diâmetro máximo: 72 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Proveniência: ignorada.

Tipo e cronologia: como o número 1 deste artigo.

(21) Sobre a cronologia destes unguentários vid. Alarcão, 1963, p. 182.

21 — *Taça* (Est. II).

Vidro incolor, ligeiramente fumado, com pequenas bolhas de ar.
Fragmentada e incompleta; picada; com ranhuras que cortam toda a espessura do vidro.

Copa cilíndrica, decorada com depressões ovais, talvez em número de oito; bordo de arestas, com uma canelura aberta ao torno correndo a toda a volta; duas molduras concêntricas na base servem de pé.

Altura: 54 mm. Diâmetro da boca: 85 mm. Espessura do vidro: 1 mm

Proveniência: ignorada.

Não conhecemos nenhum paralelo para esta taça e não ousamos sugerir cronologia; não afiançamos sequer que se trate de vidro romano.

2 — MUSEU REGIONAL DE LAGOS

No Museu Regional de Lagos há algumas peças encontradas pelo Dr. José Formosinho nas suas escavações da Boca do Rio (Budens) e Abicada (Mexilhoeira Grande) e outras ainda descobertas acidentalmente por César Landeiro numa sua propriedade do Monte Molião (Lagos) e por ele oferecidas ao museu desta cidade.

Os números 22, 23 e 24, foram encontrados na Boca do Rio (22). Embora o Dr. José Formosinho tenha publicado alguns dos objectos por ele achados nesta estação (23), não se referiu aos vidros que, embora reduzidos a três pequenos fragmentos, têm, como veremos, seu interesse.

Os números 25, 26 e 27 foram escavados, também pelo Dr. J. Formosinho, em 1938, na vila romana da Abicada (Mexilhoeira Grande) (24).

Os números 28 a 36 provêm do Monte Molião. Os quatro primeiros foram já publicados (25), mas os fragmentos inéditos têm mais

(22) Sobre as ruínas da Boca do Rio vid. a bibliografia que citámos em 1964, p. 81, nota 1.

(23) A. Viana, J. Formosinho, O. da Veiga Ferreira, «De lo prerromano a lo arabe en el Museu Regional de Lagos», *Archivo Español de Arqueología*, 1953, p. 119.

(24) Vid. art. cit. na nota anterior, p. 128 s.; tem apenas referência a vidros que não são descritos nem ilustrados.

(25) A. Viana, José Formosinho e O. da Veiga Ferreira, «Alguns objectos inéditos do Museu Regional de Lagos», *Revista de Guimarães*, LXII (1952), p. 133-142.

interesse. Supomos (a julgar pelo que dizem A. Viana, J. Formosinho e O. da Veiga Ferreira no artigo citado da *Revista de Guimarães*) que foram todos achados ocasionalmente por César Landeiro, proprietário de urna terra no Monte Molião. Também no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia e no Municipal da Figueira da Foz existem vidros do Monte Molião; os da Figueira da Foz foram achados por Santos Rocha ou seus amigos e já por nós publicados (26). No Museu de Lagos, com indicação de ter sido achado no Monte Molião, existe ainda uma garrafa muito alta e estreita, que não publicamos por não nos parecer romana.

22 — *Garrafa* (V (Est. VIII)

Vidro verde-gelo, com bolhas de ar pequenas mas numerosas.

Só se conserva um pequeno fragmento do fundo, picado e ligeiramente irizado. Apresenta uma decoração em relevo de dois ramos no interior de um círculo cujo centro está talvez marcado por um ponto.

Espessura máxima: 4,5 mm.

Proveniência: Boca do Rio (Budens).

Este fragmento pertence provavelmente a uma garrafa prismática como o número 46 deste artigo. Lancei publicou uma garrafa de Tipasa com o fundo assim decorado mas com marca, aliás só parcialmente legível, ao centro (27).

23 — *Garrafa* (Est. VII).

Vidro verde-maçã.

Picado, irizado, com ranhuras fundas.

Bocal afunilado, de bordo arredondado, com um cordão de vidro da mesma cor a toda a volta, pelo exterior.

Espessura: 4 mm.

Proveniência: Boca do Rio (Budens).

(26) Na *Revista de Guimarães*, LXXIV (1964), p. 80 e nota 2. Os objectos achados no Monte Molião e hoje repartidos pelos museus de Lagos, da Figueira da Foz e Nacional de Arqueologia e Etnologia foram objecto de uma dissertação de licenciatura apresentada à Faculdade de Letras de Coimbra pela Senhora D. Margarida Sanches em 1966.

(27) S. Lancei, *Verrerie antique de Tipasa*, Paris, 1967, n.º 57.

É fragmento, provavelmente, de uma garrafa de tipo Isings 126 ou 127. A exiguidade do fragmento não permite, porém, classificação segura. De qualquer forma, aqueles dois tipos são de fins do século m e do século iv d.C.

24 — *Prato* (Est. I).

Vidro incolor com pequenas bolhas de ar.

Picado, irizado e com fissuras.

Fragmento de aba em V, com um dos braços mais curto. Bordo arredondado e polido.

Espessura mínima: 1 mm.

Proveniência: Boca do Rio (Budens).

É um prato ou taça de tipo I B I de Karanis, de que se encontram alguns exemplares em Conímbriga, e que pode atribuir-se ao fim do século i ou ao n d.C. (28).

25 — *Urna* (Est. VI).

Vidro verde-gelo, com bolhas de ar.

Picado e irizado.

Bordo revirado para fora e para baixo, formando um colarinho alto.

Altura: 20 mm. Diâmetro da boca: 90 mm. Espessura do vidro: 3 mm.

Proveniência: Abicada (Mexilhoeira Grande).

É uma uma de tipo Isings 62, de fins do século i ou do século ii d.C. (29).

26 — *Taça* (Est. II).

Vidro incolor, com marcas visíveis de polimento feito ao torno.

Picado.

Paredes verticais e bordo engrossado e polido ao fogo.

Altura: 27 mm. Diâmetro da boca: 130 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Proveniência: Abicada (Mexilhoeira Grande).

Tipo e cronologia: indetermináveis.

(28) Alarcão, 1965, pp. 59-60 e 75-76; à bibliografia citada nesta obra devemos acrescentar D. Barag, «Glass vessels from the Cave of Horror», *Israel Exploration Journal*, 12 (1962), p. 209 e fig. 6 e Yadin, *The finds from the Bar Kokhba period in the Cave of Letters*, Jerusalém, 1963, pp. 106 s.

(29) Alarcão, «Vidros romanos do Museu de Soares dos Reis», *Museu*, 2.^a série, 8 (1964), p. 78.

27 — *Testo* (Est. VI).

Vidro incolor.

Picado e coberto de depósitos calcários e ferruginosos.

Em forma de *umbo*, de bordo arredondado.

Diâmetro: 54 mm. Altura: 6 mm. Espessura do vidro: 1-2 mm.

Proveniência: Abicada (Mexilhoeira Grande).

Não conhecemos nenhum paralelo para este testo.

28 — *Unguentário* (Est. XI).

Vidro verde-gelo com muitas bolhas de ar, filandrado e pedra.

Intacto; picado e com leitosidade.

Reservatório bulbiforme; gargalo alto e cilíndrico; bordo repuxado para fora e pendente.

Altura: 118 mm. Diâmetro máximo: 72 mm. Diâmetro da boca: 46 mm.

Espessura do vidro: 1 mm.

Proveniência: Monte Molião.

Tipo e cronologia: como o número 1 deste artigo.

29 — *Unguentário* (Est. IX).

Vidro verde-gelo, com algumas bolhas de ar e espirais resultantes da soflagem.

Fragmentado e incompleto, com irisão multicolor, picado e ranhuras.

Reservatório triangular muito alto; gargalo estrangulado na base.

Altura: 83 mm. Diâmetro máximo: 42 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Proveniência: Monte Molião.

Este unguentário é um tipo intermédio de Isings 8 e 28A. Publicamos já um balsamário semelhante proveniente da necrópole da Fonte Velha (Bensafrim) e hoje no Museu Municipal da Figueira da Foz. Na necrópole de Ampúrias há alguns exemplares semelhantes atribuíveis à época de Tibério; na de Isasco, o mesmo tipo encontra-se em túmulos sensivelmente da mesma época; na de Pollenzo, em túmulo da primeira metade do século i d.C. (30).

(30) Alarcão, 1964, p. 92, n.º 16. Almagro, *Las necropolis de Ampúrias*, II (1955), Tablas no final do volume; B. Ugo e N. Lamboglia, «La necropoli romana di Isasco», *Rivista di Studi Liguri*, XXII (1956), p. 56 e fig. 12; E. Mosca, «Note archeologiche pollentine. 3. Scavo del settembre 1958 nella necropoli di Pollenzo», *Rivista di Studi Liguri*, XXIV (1958), p. 346.

30 — *Unguentário* (Est. IX).

Vidro azul petróleo, com espirais resultantes da soflagem.

Fragmentado e incompleto. Picado intenso formando crateras nas duas faces; ranhuras e irisão multicolor.

Reservatório alto e triangular; fundo côncavo; gargalo estrangulado na base.

Altura: 89 mm. Diâmetro máximo: 28 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Proveniência: Monte Molião.

É um unguentário de tipo Isings 28B, da segunda metade do século I ou do início do II d.C. (31).

31 — *Unguentário* (Est. IX).

Vidro verde-gelo com muitas bolhas de ar, espirais resultantes da soflagem e filandrado.

Picado e com irisão multicolor.

Reservatório triangular; fundo ligeiramente côncavo; gargalo estrangulado na base; bocal afunilado.

Altura: 108 mm. Diâmetro máximo: 34 mm. Diâmetro da boca: 24 mm.

Espessura do vidro: 1,5 mm.

Proveniência: Monte Molião.

Tipo e cronologia: como o número anterior(32).

32 — *Taça* (Est. II).

Vidro quase incolor, apenas com um leve tom acinzentado, com muitas bolhas e espirais resultantes da soflagem.

Conservam-se dois fragmentos que permitem todavia a reconstituição fácil da forma. Picado intenso, com esfoliações.

Parede em S; bordo tubular; pé repuxado com turquês; fundo externo aos degraus.

Altura: 58 mm. Diâmetro da boca: 136 mm. Espessura do vidro na parede: 1 mm.

Proveniência: Monte Molião.

Esta taça pode integrar-se no tipo 42A de Isings, embora este não tenha bordo tubular, mas horizontal e singelo. Vessberg publicou dois exemplares muito semelhantes provenientes de Chipre, os quais classificou no seu tipo B I /5 2. Isings data o tipo 42A da época dos Flávios ao fim do século I e Vessberg observa que em Pompeia já

(31) Alarcão, 1964, n.º 4, e pp. 83-85.

(32) É muito semelhante ao que publicámos sob o número 3 em Alarcão, 1964.

se encontram taças do seu tipo BI /3 (33). Na necrópole de Apt (França), datável dos fins do século i e n d.C., há também diversas taças deste tipo (34).

33 — *Taça* (Est. II)

Vidro ligeiramente tingido de verde-sombrio, com bolhas de ar e filandrado. Incompleta; picada; com esfoliações.

Parede arqueada; bordo tubular, sobre o qual se aplicou uma fita grossa de vidro canelada.

Altura: 27 mm. Diâmetro máximo: 113 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Proveniência: Monte Molião.

É uma taça de tipo Isings 43. Neste tipo podemos distinguir duas formas: uma taça pequena (como o presente número) e uma mais larga e mais baixa (como o número seguinte) (35). Os exemplares datáveis são, como observa Isings, raros; vão dos meados do século i d.C. à época de Adriano ou Antonino.

34 — *Taça* (Est. II).

Vidro ligeiramente tingido de verde sombrio, com bolhas de ar e filandrado. Picado, com esfoliações e ranhuras que cortam toda a espessura do vidro. Parede arqueada; bordo tubular, sobre o qual se aplicou uma fita de vidro canelada.

Altura: 12 mm. Diâmetro: 220 mm. Espessura do vidro: 0,5-1,5 mm.

Proveniência: Monte Molião.

Tipo e cronologia: como o número anterior.

35 — *Taça* (Est. II)

Vidro com as mesmas características do número anterior.

Parede em S; bordo tubular.

Altura: 156 mm. Diâmetro da boca: 210 mm. Espessura do vidro: 1-2 mm.

Proveniência: Monte Molião.

(33) Vessberg, 1956, p. 196 e fig. 43, 1 e 2.

(34) Dumoulin, 1964, *passim*.

(35) Da primeira vejam-se exemplos em Yadin, *The finds from the Bar Kokhba period in the Cave of Letters*, Jerusalém, 1963, p. 105 e fig. 38, 7; Ch. Simonett, *Tessiner Graberfelder*, Basileia 1941, p. 86 e fig. 69; Vessberg, 1956, fig. 43,6; W. Bremen, *Die alten Glasgemälde und Hohlgläser der Sammlung Bremen in Krefeld*, Colônia, 1964, pp. 220-21 (que o autor data erroneamente do século iv ou v). Da segunda: E. Barrington Haynes, *Glass through the ages*, Harmondsworth, 1959, est. 4d; W. C. Braat, *Glas uit de Oudheid*, Leyde, 1962, n.º 126; Vessberg, 1956, fig. 42, 16.

O mesmo tipo de taça encontra-se em Chipre (36). Vessberg classifica-o como Morin-Jean 91. Parece-nos todavia difícil incluir no tipo 91 de Morin-Jean esta taça de Lagos e a cipriota. Por outro lado, Morin-Jean incluiu no seu tipo 91 formas suficientemente diversas para justificar, em vez de um, vários tipos; a forma que escolheu para ilustrar o tipo (fig. 171 C) corresponde a Isings 97A e é uma forma do fim do século n ou inícios do m até ao iv. O nosso prato é uma forma mais antiga, a julgar pela semelhança de perfil que apresenta com as taças e pratos de tipo Isings 43. Além disso, encontra-se na necrópole já citada de Apt, que data dos fins do século i e do II d.C. (37).

36— Taça (V (Est. VI).

Vidro quase incolor, apenas com ligeira tonalidade verde-maçã.

Picado, com irisão multicolor e ranhuras cortando toda a espessura do vidro.

Fundo decorado com botão de vidro umbilicado; pé formado por um cordão de vidro da mesma cor.

Altura: 11 mm.

Proveniência: Monte Molião.

Tipo e cronologia: indetermináveis.

3 — MUSEU MUNICIPAL DE ELVAS

O Museu Municipal de Eivas tem alguns vidros provenientes da necrópole da Horta das Pinas. A maior parte, porém, dos vidros romanos deste Museu não tem indicação de proveniência. Numa edição do catálogo de António Thomaz Pires (38) existente no Museu Municipal de Eivas encontrámos um apêndice manuscrito em que se descrevem alguns vidros; nenhuma destas descrições, aliás muito sumárias, corresponde aos vidros deste nosso artigo; ou os vidros referidos no apêndice desapareceram, ou trata-se de alguns fragmentos que se encontram no Museu mas que não publicamos por serem, ou inclassificáveis e irrelevantes, ou árabes. Também não encontrámos um gargalo de unguentário descoberto numa sepultura da herdade dos Mosteiros,

(36) Vessberg, 1956, fig. 42, 11 e p. 196.

(37) Dumoulin, 1964, *passim*.

(38) António Thomaz Pires, *Catálogo do Museu Archeologico da Câmara Municipal de Eivas*, Lisboa, 1901.

no concelho de Arronches, dado por Leite de Vasconcelos e Thomaz Pires como existente no Museu de Elvas (39).

Os vidros da Horta das Pinas fazem parte do espólio exumado por Abel Viana nesta necrópole alentejana. A maior parte dos achados da Horta das Pinas encontra-se, porém, no Museu Arqueológico da Fundação da Casa de Bragança em Vila Viçosa (40).

37 — *Prato* (Est. I).

Vidro verde-gelo coalhado de bolhas de ar e de espirais resultantes da soflagem, com impurezas negras e fflandrado.

Picado; com esfoliações e manchas leitosas.

Parede côncava; bordo simples, engrossado; pé tubular; fundo muito grosso.

Marca de pontel muito visível.

Altura: 32 mm. Diâmetro máximo: 180 mm. Espessura do vidro na parede: 2 mm.

Proveniência: ignorada.

Este prato, bem como os três números seguintes, é de tipo Isings 49. A autora cita apenas exemplos datáveis de Pompeia (portanto anteriores a 79 d.C.) e de San Lorenzo di Parabiago (também do século i d.C.). Podemos acrescentar dois outros exemplos, de Tipasa, em sepultura de c. 75 d.C., que confirmam a cronologia (41).

38 — *Prato* (Est. I).

Vidro com as mesmas características do anterior.

Parede muito ligeiramente convexa; bordo em forma de cabeça de fósforo; pé tubular.

Altura: 30 mm. Diâmetro máximo: 184 mm. Espessura do vidro na parede: 1 mm.

Proveniência: ignorada.

Tipo e cronologia: como o número anterior.

(39) J. Leite de Vasconcelos, «Aquisições do Museu Municipal de Eivas», *O Archeólogo Português*, II (1896), p. 4; A. Thomaz Pires, «Catalogo do Museu Archeologico de Eivas», *O Archeólogo Português*, VI (1901), p. 223.

(40) Publicámos no número anterior desta revista os vidros romanos deste Museu e, entre eles, vários da necrópole da Horta das Pinas.

(41) Baradez, «Nouvelles fouilles à Tipasa. Survivances du cuite de Baal et Tanit au I^{er} siècle de l'ère chrétienne, I^{re} partie: Tombe d'un sacrificateur», *Libyca* V (1957), p. 239 e est. XV, 6 e 7.

39 — *Prato* (Est. I).

Vidro de fraca qualidade, verde-gelo, cheio de bolhas de ar, filandrado e com pedra.

Fragmentado e incompleto; com leitosidade incipiente.

Parede quase recta e oblíqua; bordo e pé tubulares; fundo muito grosso com marca de pontel muito visível.

Altura: 33 mm. Diâmetro máximo: 182 mm. Espessura do vidro na parede: 1 mm.

Proveniência: ignorada.

Tipo e cronologia: como o número 37 deste artigo.

40 — *Prato* (Est. I).

Vidro verde-gelo, filandrado, com bolhas de ar e impurezas negras.

Fragmentado, picado e com leitosidade incipiente.

Parede côncava; bordo e pé tubulares.

Altura: 27 mm. Diâmetro máximo: 162 mm. Espessura do vidro na parede: 1 mm.

Proveniência: ignorada.

Tipo e cronologia: como o número 37 deste artigo.

41 — *Taça* (Est. I).

Vidro verde-gelo, muito estriado da soflagem e com muita pedra.

Pé esborcelado; picado incipiente e leitosidade.

Parede ligeiramente convexa; bordo revirado para fora; pé tubular.

Altura: 43 mm. Diâmetro da boca: 82 mm. Diâmetro do pé: 59 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Proveniência: ignorada.

As taças 41 a 44, não obstante pequenas diferenças de perfil, devem agrupar-se todas num mesmo tipo. Não longe de Eivas, na serra de Portalegre, encontrou-se uma taça idêntica que publicámos em 1964(42). Nessa altura classificámo-la de tipo Isings 41 A, embora notando que se afastava do protótipo, representado pelas taças do túmulo de Vervoz (Bélgica). Estas taças do Museu de Eivas afastam-se ainda mais, pela inclinação das paredes, daquele protótipo; de tal forma que nos sentimos tentados a classificá-las como de tipo Isings 42-taça de bordo horizontal e paredes convexas, isto é, de perfil em S.

A favor de uma classificação no tipo 41 A temos, porém, um argumento. As taças 41 A parece terem sido fabricadas e vendidas com

(42) Alarcão, 1964, est. III, 2.

pratos de tipo 48. Ora em Elvas encontramos também um prato para cada taça. É certo que não temos indicação da proveniência das peças; não custa, porém, admitir que as taças estivessem realmente a par dos pratos. Ora, assim como as taças não são perfeitamente de tipo 41 A, também os pratos não cabem exactamente no tipo 48, antes se integram no 49. Trata-se talvez de uma variedade do conjunto taça e prato que, na tipologia de Isings, tem o número 41 A e 48; de qualquer forma, são peças da segunda metade do século i d.C.

42 — *Taça* (Est. I).

Vidro verde-gelo, com grossas bolhas de ar, pedra e muitas espirais resultantes da soflagem.

Intacta, com picado incipiente e manchas leitosas.

Parede oblíqua; bordo em forma de pequena aba horizontal; pé repuxado com turquês; marca de pontel muito visível.

Altura: 38 mm. Diâmetro da boca: 87 mm. Diâmetro do pé: 59 mm.

Espessura do vidro na parede: 2 mm.

Proveniência: ignorada.

Tipo e cronologia: como o número anterior.

43 — *Taça* (Est. I).

Vidro verde-gelo, coalhado de bolhas e impurezas negras, filandrado e com muitas espirais resultantes da soflagem.

Fragmentado e incompleto.

Parede recta e oblíqua; colo bem marcado; bordo em forma de pequena aba horizontal; pé tubular; fundo muito alçado; marca de pontel muito visível.

Altura: 47 mm. Diâmetro da boca: 107 mm. Diâmetro do pé: 66 mm.

Espessura do vidro na parede: 1 mm.

Proveniência: ignorada.

Tipo e cronologia: como o número 41 deste artigo.

44 — *Taça* (Est. I).

Vidro idêntico ao da taça anterior.

Fragmentada e incompleta.

Parede convexa; bordo em forma de aba horizontal com pequeno lábio em pérola; pé tubular; fundo muito alçado.

Altura provável: 47 mm. Diâmetro da boca: 101 mm. Diâmetro do pé: 64 mm. Espessura do vidro na parede: 1 mm.

Proveniência: ignorada.

Tipo e cronologia: como o número 41 deste artigo.

45 — *Jarro* (Est. III).

Vidro verde-gelo, com muitas bolhas de ar, pedra, impurezas negras, filandrado e estrias resultantes da soflagem.

Intacto; picado incipiente nas duas faces, mas especialmente na interna; com manchas leitosas e irisão esmaltada.

Bojo esférico decorado com dois fios de vidro da mesma cor enrolados em espiral; gargalo troncocónico, com marcas de modelação na base; bordo em forma de martelo; pé ligeiramente apertado com turquêsas; asa de fita.

Altura: 171 mm. Diâmetro máximo: 136 mm. Diâmetro da boca: 43 mm. Espessura do vidro: 1,5 mm.

Proveniência: ignorada.

Não encontramos paralelo mais próximo para este jarro que um da necrópole de Valdoca (Aljustrel): têm o mesmo corpo esférico decorado com fio de vidro da mesma cor enrolado em espiral, o mesmo pé apenas ligeiramente apertado com turquêsas, o bordo engrossado. O jarro de Valdoca está fragmentado e nada, na parte conservada, indica que tivesse asa; não pode todavia excluir-se esta hipótese, tornada mais verosímil por esta peça do Museu Municipal de Eivas. Julgamos poder atribuir a ambas as peças a mesma cronologia, isto é, o fim do século i d.C. ou a primeira metade do II, época em que a decoração por meio de fio de vidro assim enrolada se tornou muito comum (43).

46 — *Garrafa* (Est. IV).

Vidro de cor entre verde-sombrio e verde-relva, coalhado de bolhas de ar, com algumas impurezas negras e espirais resultantes da soflagem.

Bordo esborcelado.

Corpo sobre o quadrado; ombros horizontais, muito marcados; gargalo cilíndrico; bordo repuxado para fora e depois para dentro sobre si mesmo; asa de fita, larga, nervurada; fundo decorado com cinco círculos secantes em relevo e assente em LL também em relevo, aos cantos.

Altura: 179 mm. Largura: 94 mm. Diâmetro da boca: 51 mm.

Proveniência: Cerrado dos Fangueiros, freguesia de S. Brás de Varche, concelho de Eivas.

Bibliografia: A. Thomaz Pires, «Catalogo do Museu Archeologico de Eivas», in *O Archeólogo Português*, VI (1901), p. 222.

(43) Alarcão, «O espólio da necrópole luso-romana de Valdoca (Aljustrel)», *Conimbriga*, V (1966), pp. 57-59; F. Fremersdorf, *Das naturfarbene sogenannte blaugriine Glas in Koln*, Colónia, 1958, est. 26 s.

Esta garrafa, de tipo Isings 50 A, data da segunda metade do século i ou do ii d.C. Os círculos secantes da base são motivo para o qual não conhecemos paralelo.

47 — *Jarra* (Est. VII).

Vidro verde-alface, com raras bolhas de ar, sobretudo alongadas e no gargalo, e com impurezas negras.

Esborcelada no pé; com leitosidade incipiente e concreções ferruginosas pelo interior.

Bojo esférico; pé apertado com turquêsas; gargalo alto e estrangulado na base; bordo de arestas; decorações de linhas finamente gravadas; marcas de modelação na base do colo.

Altura: 174 mm. Diâmetro máximo: 90 mm. Diâmetro da boca: 29 mm.

Espessura do vidro: 1 mm.

Proveniência: necrópole da Horta das Pinas.

Bibliografia: A. Viana e A. Dias de Deus, «Campos de urnas do concelho de Elvas», in *O Instituto*, 118 (1958), est. IX. 91; A. Viana, «Notas de arqueologia alto-alentejana», in *A Cidade de Évora*, 33-34 (1955), fot. 8.

Esta jarra pode, talvez, incluir-se no tipo 40 de Morin-Jean, pois apresenta certa semelhança com uma das peças com que o autor ilustra aquele seu tipo (44). A forma 40, embora apareça já no século ni, é típica, porém, do século iv d.C., segundo Morin-Jean. No Museu Municipal da Figueira da Foz, proveniente do Monte Herminio (Serra de Portalegre), há um vaso semelhante que publicámos em 1964 (45) e ao qual nessa altura atribuímos a mesma cronologia. Doppelfeld, porém, atribui aos séculos II-III uma peça também de perfil semelhante proveniente de Colónia (46). É curioso observar que os dois únicos exemplos desta forma conhecidos em Portugal se encontram na mesma região.

48 — *Garrafa* (Est. V).

Vidro verde-gelo com algumas bolhas de ar e impurezas negras.

Fragmentada e incompleta; com manchas leitosas e picado incipiente.

Corpo cilíndrico; fundo côncavo; gargalo cilíndrico; bordo em aspa; asa de fita; marcas de modelação na base do gargalo.

(44) Morin-Jean, 1913, fig. 107.

(45) Alarcão, 1964, pp. 110-111.

(46) Doppelfeld, *Römisches und frankisches Glas in Köln*, Colónia, 1966, est. 73.

Altura: 169 mm. Diâmetro máximo: 91 mm. Diâmetro da boca: 39 mm.
Espessura do vidro: 1 mm.

Proveniência: necrópole da Horta das Pinas.

Bibliografia: A. Viana, «Notas de arqueologia alto-alentejana», in *A Cidade de Évora*, 33-34 (1955), fot. 16; A. Viana e A. Dias de Deus, «Campos de urnas do concelho de Eivas», in *O Instituto*, 118 (1958), est. VI, n.º 7.

Cabe também no tipo 51 de I sings e data da segunda metade do século i ou do ii d.C. O bordo não é dos mais comuns, mas tem semelhança com o de uma garrafa de Vindonissa publicada por Berger (47).

49 — *Garrafa* (Est. IV).

Vidro verde-gelo, coalhado de bolhas de ar; com muita pedra; impurezas negras, espirais resultantes da soflagem e filandrado.

Fragmentada e incompleta; com leitosidade incipiente.

Corpo octogonal; gargalo curto, cilíndrico; bordo em gancho; asa de fita.

Altura: 102 mm. Diâmetro máximo: 61 mm. Diâmetro da boca: 27 mm.

Espessura do vidro: 1 mm.

Proveniência: necrópole da Horta das Pinas.

Bibliografia: A. Viana, «Notas de arqueologia alto-alentejana», in *A Cidade de Évora*, 33-34 (1955), fot. 15; A. Viana e A. Dias de Deus, «Campos de urnas do concelho de Eivas» in *O Instituto*, 118 (1958), est. IX, 189; A. Viana, «Vidros romanos de Portugal. Breves notas» in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* (Faculdade de Ciências do Porto), XVIII (1960-61) est. III, 44.

Não conhecemos nenhuma outra garrafa octogonal. Há-as hexagonais, atribuíveis à segunda metade do século i d.C. e, mais raramente, ao ii (48). Possivelmente esta garrafa é da mesma época.

50 — *Unguentário* (Est. XI).

Vidro verde-relva com algumas bolhas de ar e espirais resultantes da soflagem.

Fragmentado e incompleto; picado e riscado pelo uso; com esfoliações.

Reservatório bulbiforme; fundo raso; marcas de modelação na raiz do colo.

Altura: 54 mm. Diâmetro máximo: 66 mm. Espessura do vidro: 1,5-4 mm.

Proveniência: necrópole da Horta das Pinas.

Tipo e cronologia: como o número 7 deste artigo.

(47) Berger, *Römische Glaser aus Vindonissa*, Basileia, 1960, n.º 199.

(48) Alarcão, 1965, pp. 92-93.

51 — *Unguentário* (Est. IX).

Vidro verde-gelo, com muitas bolhas, impurezas negras e estrias resultantes da soflagem.

Completo; ligeiramente picado; com leitosidade e irisão incipientes.

Reservatório triangular; fundo ligeiramente côncavo; gargalo alto e cilíndrico; bocal afunilado; bordo de arestas.

Altura: 112 mm. Diâmetro máximo: 51 mm. Diâmetro da boca: 29 mm.

Espessura do vidro: 1 mm.

Proveniência: ignorada.

Este unguentário, bem como o seguinte, cabe no tipo 28 b de Isings e data, portanto, da segunda metade do século i d.C. O bordo destes unguentários é geralmente revirado para dentro e dobrado sobre si, mas há também exemplos de bordos simples como o deste.

52— *Unguentário* (Est. IX).

Vidro verde-gelo, com bolhas de ar, espuma, impurezas negras e estrias resultantes da soflagem.

Incompleto, picado, com leitosidade incipiente e concreções ferruginosas.

Reservatório triangular; gargalo alto e cilíndrico com marcas de modelação na base.

Altura: 106 mm. Diâmetro máximo: 51 mm. Espessura do vidro: 1,5 mm.

Proveniência: ignorada.

Tipo e cronologia: como o número anterior.

53 — *Unguentário* (Est. IX).

Vidro quase incolor, apenas ligeiramente tingido de azul-gelo, com pequenas bolhas de ar e espirais resultantes da soflagem.

Ligeiramente picado e com manchas leitosas.

Tubular, com estrangulamento a meio; bordo de arestas polidas ao fogo; muito irregular; fundo ligeiramente côncavo.

Altura: 110 mm. Diâmetro da boca: 21 mm. Espessura do vidro: 0,5 mm.

Proveniência: ignorada.

Tipo e cronologia: como o número 2 deste artigo.

4 — VIDROS DO MUSEU REGIONAL DE ÉVORA

A colecção arqueológica do Museu Regional de Évora é pobre para uma região de tão densa e rica ocupação romana. Os vidros luso-romanos dessa colecção são apenas dois.

54 — *Garrafa* (Est. V).

Vidro entre verde-musgo e verde-alface, com raras bolhas de ar e impurezas negras.

Completa e intacta; riscada e com ligeira leitosidade.

Corpo sobre o cilíndrico, mas mais largo em cima do que em baixo; fundo côncavo; gargalo alto e cilíndrico; bordo repuxado para fora e depois revirado para dentro sobre si mesmo; asa de fita, muito lisa.

Altura: 232 mm. Diâmetro máximo: 95 mm. Diâmetro da boca: 48 mm.

Espessura do vidro 1-2,5 mm.

Proveniência: ignorada.

É uma garrafa de tipo 1 sings 51 B — forma que se encontra já em Pompeia e de que há exemplares por todo o século n, mas que é predominantemente flávia. Este perfil, com gargalo muito alto e ombros muito mais largos que a base, não é comum; o Museu Arqueológico de Mérida tem todavia duas garrafas muito parecidas descobertas em 1959 naquela cidade (49).

55 — *Jarro* (Est. VII).

Vidro verde-musgo com muitas bolhas de ar e impurezas negras, pedra e estrias resultantes da soflagem.

Completa e intacta; com ranhuras e ligeira leitosidade.

Bojo ovoide; pé repuxado com turquês; gargalo cilíndrico; bocal afunilado, decorado com um cordão grosso de vidro da mesma cor sob o bordo; asa de fita, larga.

Altura: 185 mm. Diâmetro máximo: 97 mm. Diâmetro da boca: 68 mm.

Espessura do vidro: 2 mm.

Proveniência: ignorada.

Não conhecemos nenhum paralelo exacto para este jarro, que pode todavia integrar-se no tipo 120 de Isings — forma de fins do século ui e sobretudo do século iv d.C.

5 — VIDROS DO MUSEU REGIONAL DE BEJA

Tal como em Évora, também no Museu Regional de Beja são raros os vidros romanos. No *Catálogo de algumas das principais*

(49) J. A. Sáenz de Buruaga, «Museu Archeologico de Mérida (Badajoz)», *Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales*, XIX-XXII (1958-61), p. 109.

peças que a Junta Distrital editou há alguns anos (50) apresentam-se dois vidros romanos encontrados na cidade (est. 18). Publicamos aqui apenas um (nosso número 56), pois o outro não nos parece romano (51). Apresentamos também, com sérias reservas, um gargalo nervurado, e deixamos de parte outros dois gargalos tidos no Museu como romanos mas de cuja cronologia duvidamos seriamente.

56 — *Garrafa* (Est. VI).

Vidro verde-musgo com muitas bolhas de ar e estrias resultantes da soflagem. Intacta; com concreções calcárias.

Corpo sobre o quadrado; fundo côncavo; gargalo cilíndrico e largo; bocal afunilado, decorado externamente com um fio de vidro da mesma cor; bordo polido ao fogo; asa de fita, nervurada.

Altura: 211 mm. Diâmetro máximo: 93 mm. Diâmetro da boca: 74 mm. Espessura do vidro: 2-5 mm.

Proveniência: Beja.

Não encontramos melhor paralelo para esta garrafa do que o número 764 de Karanis (52). O mesmo tipo de bocal, afunilado, com fio de vidro grosso enrolado em espiral, encontra-se em vários tipos dos fins do século III ou do século IV, época a que atribuímos esta garrafa.

51 — *Balão* (V) (Est. VII).

Vidro verde-gelo, com algumas bolhas.

Conserva-se apenas o gargalo, ligeiramente picado, com leitosidade e irisão multicolor.

Gargalo alto e cilíndrico, canelado helicoidalmente; bordo polido ao torno.

Altura: 112 mm. Diâmetro da boca: 31 mm. Espessura do vidro: 0,5-2 mm.

Proveniência: Rossio da Barreira, Beja.

Bibliografia: A. Viana, «Vidros romanos em Portugal. Breves notas», in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* (Faculdade de Ciências do Porto), XVIII (1960-61), p. 39.

(50) Sem data. O catálogo foi obra do Prof. Abel Viana e dos Drs. Bélard da Fonseca e Nunes Ribeiro.

(51) É talvez o vidro a que A. Viana se refere em «Vidros romanos em Portugal. Breves notas», *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* (Faculdade de Ciências do Porto), XVIII (1960-61), p. 39.

(52) Harden, *Roman glass from Karanis*, Michigão, 1936.

Os balões de gargalo decorado com caneluras helicoidais não são comuns na época romana, razão porque duvidamos da cronologia deste. Conhecemos todavia um exemplar encontrado em La Granjita (Espanha) (53).

6 — VIDROS DO MUSEU ARQUEOLÓGICO DE ALJUSTREL

Publicámos no volume V (1966) desta revista o espólio da necrópole das minas romanas de Aljustrel, no qual se contam alguns vidros. O museu local tem todavia mais alguns fragmentos encontrados fora da necrópole e que merecem publicação. Foram quase todos achados pelo Senhor Engenheiro Ruy Freire de Andrade em ruínas que escavou num local a que chamam Transtagana, por haver ali uma chaminé, hoje abandonada, que foi erguida pela Companhia Transtagana, primeira concessionária da exploração mineira quando esta foi retomada no século XIX (54).

58 — *Taça* (Est. I).

Vidro quase incolor, apenas muito ligeiramente tingido de verde-maçã, sem bolhas de ar.

Conservam-se dois fragmentos, muito riscados pelo uso, picados, com leitosidade, leve irisão e crateras em formação.

Copa arqueada; bordo em aspa. Polido ao torno.

Altura: 27 mm. Diâmetro da boca: 14 mm. Espessura do vidro: 1,5-4 mm.

Proveniência: Transtagana (Aljustrel).

Tipo e cronologia: É uma taça pequena e funda, correspondente ao prato ou taça larga e baixa que aqui publicamos sob o número 24.

59 — *Taça* (Est. III).

Vidro incolor, sem bolhas de ar.

Fragmentada e incompleta, com leitosidade, irisão, crateras em formação e aspecto de vidro gelado.

(53) Samuel de los Santos Gener, «Museo Arqueológico de Cordoba», *Memorias de los Museos Arqueológicos Provinciales*, XV (1954), p. 158 e fig. 65.

(54) Para localização destas ruínas veja-se a planta geral da exploração mineira romana de Aljustrel publicada por R. Freire de Andrade e O. da Veiga Ferreira no vol. V (1966) desta revista.

Copa bitroncocónica, decorada com cordões de vidro também incolor; fundo côncavo.

Altura: 56 mm. Diâmetro máximo: 88 mm. Espessura do vidro: 1-3 mm.

Proveniência: Transtagana (Aljustrel).

Esta taça cabe no tipo Beaker A II de Vessberg, muito frequente em Chipre mas decorado com linhas gravadas e não com fios de vidro. Podemos também citar como paralelo uma taça de Samotrácia atribuída por E. Dusenbery à 1.^a metade do século i d.C. (55).

60 a 65 — *Garrafas* (Ests. IV e V).

Vidro verde-gelo, com algumas bolhas de ar.

Ligeira leitosidade em 60, 62-64; ligeiro picado em 61.

Proveniência: Transtagana (Aljustrel).

São fundos de garrafas de tipo Isings 50 sopradas em moldes. Podem atribuir-se à segunda metade do século i ou ao n d.C. A decoração de círculos concêntricos é muito comum, com ou sem meias pérolas nos cantos a servir de pé (56). O número 64 apresenta um motivo que não conhecemos senão numa peça da sepultura 20 da necrópole de Farrobo mas num vidro e numa forma diferentes (57). O número 65 tem uma marca para nós indecifrável: AXP(ou R)ON. Uma meia pérola a seguir ao N serve de pé e indica o canto da base.

66 — *Unguentário* (Est. VIII)

Vidro verde-gelo com algumas bolhas de ar.

Leitosidade incipiente.

Fragmento de fundo, com marca em relevo dentro de um círculo: AU[G] encimado por duas folhas de hera de pés voltados um contra o outro.

Espessura máxima do vidro: 3 mm.

Proveniência: Transtagana (Aljustrel) (?).

(55) Vessberg, 1956, fig. 44, 9-19. O autor não data este tipo. Elisabeth B. Dusenbery, «Ancient glass from the cemeteries of Samothrace», *Journal of Glass Studies*, IX (1967), n.º 37. Esta taça tem também decoração gravada e o fundo muito umbilicado.

(56) Alarcão, 1965, p. 91 e nota 5.

(57) J. Alarcão, «Une coupe à fond d'or découverte à Farrobo, Portugal», *Journal of Glass Studies* X (1968), p. 72.

A mesma marca encontrou-se num unguentário da necrópole de Valdoca que publicámos nesta revista em 1966. A propósito, fizemos nessa altura um inventário dos exemplares conhecidos dessa marca, para o qual remetemos agora o leitor (58).

67 — *Unguentário* (Est. VIII).

Vidro ligeiramente tingido de verde-musgo, com bolhas de ar.

Ligeiramente picado.

Fragmento do fundo, com marca em relevo: dentro de dois círculos concêntricos, AVG encimado por duas folhas de hera de pés voltados um contra o outro. A moldagem é muito mais fraca que a do número anterior.

Espessura do vidro: 1,5 mm.

Tipo e cronologia: como o número anterior.

7 — VIDROS DO MUSEU MUNICIPAL DE SANTIAGO DE CACÉM

A vila de Santiago de Cacém sucedeu à cidade romana de Miróbriga (59), a curta distância desta. Além de um depósito junto das ruínas, onde o Prof. Doutor D. Fernando de Almeida guarda o espólio das suas escavações de Miróbriga, existe na Câmara Municipal um pequeno museu arqueológico com objectos daquelas ruínas e de outros lugares.

68 — *Balão* (Est. VI).

Vinho verde-gelo com muitas bolhas de ar.

Muito riscado pelo uso e com leitosidade.

Corpo esférico, decorado com linhas gravadas em círculos horizontais; fundo ligeiramente côncavo; gargalo afunilado.

Altura: 124 mm. Diâmetro máximo: 95 mm. Diâmetro da boca: 34 mm.

Espessura do vidro: 1 mm.

Proveniência: Torre (Santa Cruz). Foi encontrado em 1929 e oferecido ao Museu por Jacinto Pereira.

Tipo e cronologia: como o número 15 deste artigo.

(58) Alarcão, art. cit. na nota 43, p. 43.

(59) D. Fernando de Almeida, *Ruínas de Miróbriga dos Célticos (Santiago do Cacém)*, Setúbal, 1964.

69 — *Taça* (Est. II).

Vidro azul-gelo com algumas bolhas de ar.

Picado, com concreções calcárias e irisão multicolor.

Copa troncocónica, de fundo umbilicado; bordo de arestas polidas ao torno, sob o qual corre uma ranhura funda e larga e outra mais fina.

Altura: 77 mm. Diâmetro máximo: 85 mm. Diâmetro da boca: 70 mm.

Espessura do vidro: 1,5 mm.

Proveniência: encontrada numa sepultura em Formiga (Santiago de Cacém).

Bibliografia: *História de Portugal*, dirigida por Damião Peres, vol. I, Barcelos, 1928, p. 260.

O tipo 12 de Isings, em que entra esta taça, é uma forma do século i d.C., de cujas variantes, cronologia e decoração tratámos a propósito de um exemplar de Conímbriga (60). Além deste exemplar encontramos outros em Portugal: no castro da Retorta, no Museu Arqueológico de Vila Viçosa (sem indicação de proveniência) e em Beja (inédito, na colecção particular do Dr. F. Nunes Ribeiro).

8 — VIDROS DO MUSEU DAS RUÍNAS DE MIROBRIGA

Publicamos apenas alguns dos fragmentos que julgámos com mais interesse dentre os achados das ruínas. O espólio das escavações do Prof. Doutor D. Fernando de Almeida aguarda publicação.

70— *Copo* (V (Est. III).

Vidro incolor.

Pequeno fragmento decorado com fio de vidro também incolor, que forma como que uma bolsa.

Altura do fragmento: 27 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Trata-se de um tipo de decoração que se começou a usar nos fins do século i d.C. mas que se manteve talvez até ao m (61).

(60) Alarcão, 1965, pp. 40-41.

(61) Alarcão, 1965, pp. 26-27.

71 — *Copo* (Est. III).

Vidro verde-maçã.

Picado e com irisão.

Pequeno fragmento de vidro moldado com botões de lótus em relevo. A linha vertical que se observa no fragmento é a costura correspondente à junção das duas metades do molde, que era bivalve.

Altura: 44 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Os copos decorados com relevos em forma de botões de lótus não são muito comuns. São uma das formas mais curiosas dos vidros romanos da segunda metade do século i d.C., provavelmente dos anos 70-100 d.C. (62). Berger publicou diversas variantes da decoração, ora de botões simples ora debruados como neste copo de Miróbriga, ora entre as malhas de uma rede ora entremeados de pérolas. No Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia (Lisboa) há um copo pequeno, proveniente de Portimão, decorado também com estas nodosidades em forma de botão de lótus; é todavia de um fabrico muito mais grosseiro, tal como um copo da colecção Amattler, anteriormente na colecção Merkens, de Colónia, e no catálogo desta colecção classificado como medieval (63).

72 — *Taça* (Est. II).

Vidro incolor.

Muito picado; com irisão multicolor.

Bordo envasado. Tinha gravada, a traço pouco fundo, uma inscrição entre duas linhas de aspas; dela se conserva apenas ES.

Altura: 41 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Bibliografia: D. Fernando de Almeida, *Ruínas de Miróbriga dos Céticos (Santiago de Cacém)*, Setúbal, 1964, p. 24 (onde, por lapso, se diz que a decoração é pintada.)

A taça em forma de calote esférica, de bordo envasado, é típica do século iv (64). Além dos exemplares lisos há muitas taças decoradas,

(62) Isings, 1957, p. 46; Berger, *Römische Gläser aus Vindonissa*, Basileia, 1960, pp. 52-54.

(63) J. Gudiol, *Catalech deis vidres de la col·lecció Amattler*, Barcelona, 1925, p. 6 e n.º 13.

(64) Isings, 1957, forma 116; Harden, *Roman glass from Karanis*, Chicago, 1936, nota 2; Harden, «The Wint Hill hunting bowl and related glasses», *Journal of Glass Studies*, II (1960), p. 52.

por vezes mesmo historiadas (com cenas de caça, da mitologia ou bíblicas). O nosso fragmento, infelizmente, é tão pequeno que não podemos imaginar a decoração que teria. As duas letras ES serão talvez o resto da inscrição PIE SESES, forma latina da saudação THE ZHCAIC, que aparece em vidros cristãos dos séculos iv e v. Numa taça de Colonia aparece todavia a inscrição ESCIPE ME PLACEBO TIBI, e podemos também admitir que fosse este o moto da taça de Miróbriga. No Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia há uma taça deste tipo, anegígrafa, com mastins a perseguirem coelhos — taça a incluir no grupo de Wint Hill que Harden estudou em 1960. É possível que, tal como uma taça do Ashmolean Museum, tivesse a inscrição numa coroa de folhagem tratada muito esquematicamente, à volta de um motivo que ocupasse o centro do fundo (65).

9 — VIDROS DO MUSEU DE SETÚBAL

São escassos os fragmentos de vidro encontrados em Setúbal e conservados no Museu. Escolhemos apenas dois, pois os outros são inclassificáveis e sem interesse. Os dois que publicamos são talvez romanos, mas não ousamos afirmá-lo com segurança.

73 — *Gargalo* (Est. VII).

Vidro ligeiramente tingido de verde-maçã.

Picado; com espessa camada de eflorescência esmaltada cor de tabaco.

Gargalo cilíndrico decorado com catorze caneluras. Bordo polido ao fogo.

Altura: 130 mm. Diâmetro da boca: 34 mm.

Tipo e cronologia: indetermináveis.

74 — *Gargalo* (Est. VII).

Vidro verde fumado muito ténue.

Corrosão idêntica à do número anterior.

Gargalo cilíndrico; bordo revirado para fora e polido ao fogo.

Altura: 51 mm. Diâmetro da boca: 8 mm. Espessura do vidro: 1 mm.

Tipo e cronologia: indetermináveis.

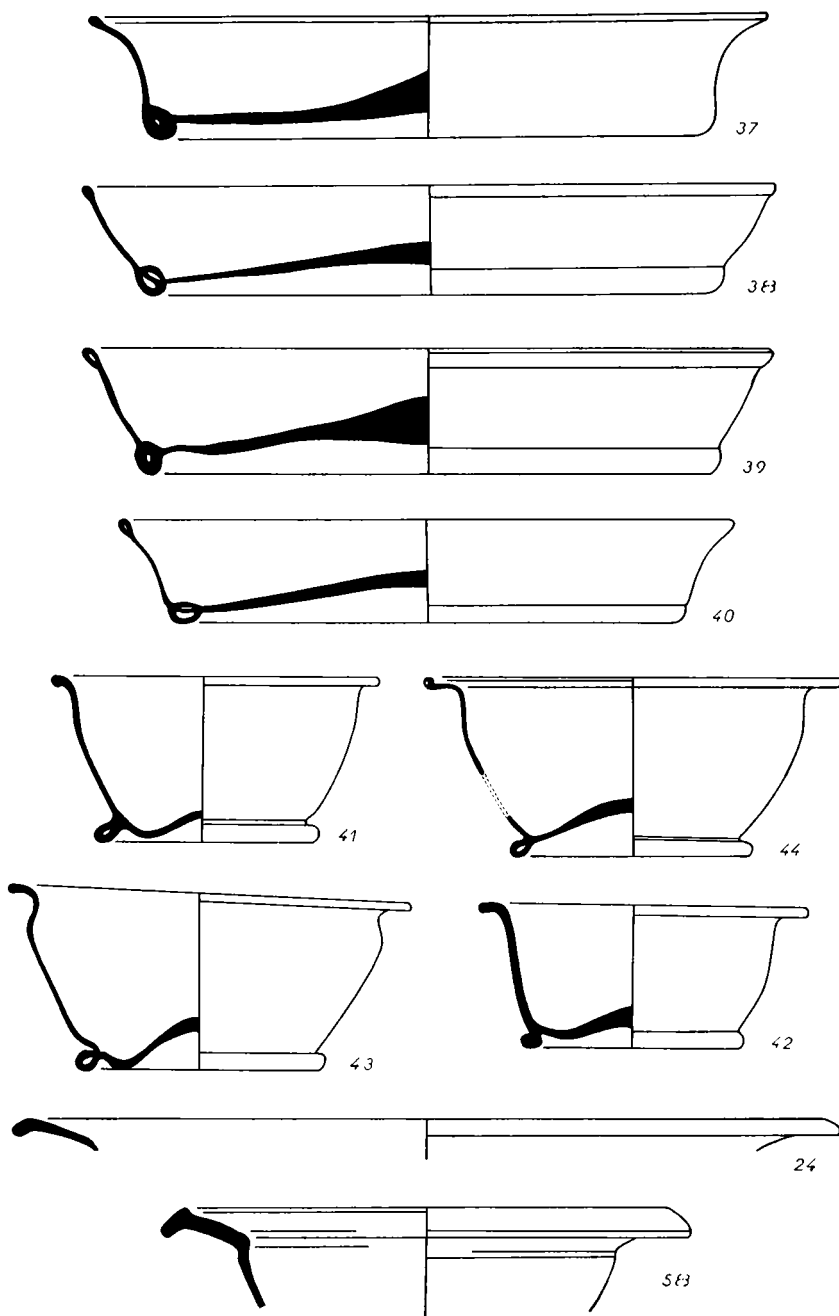
JORGE DE ALARCÃO

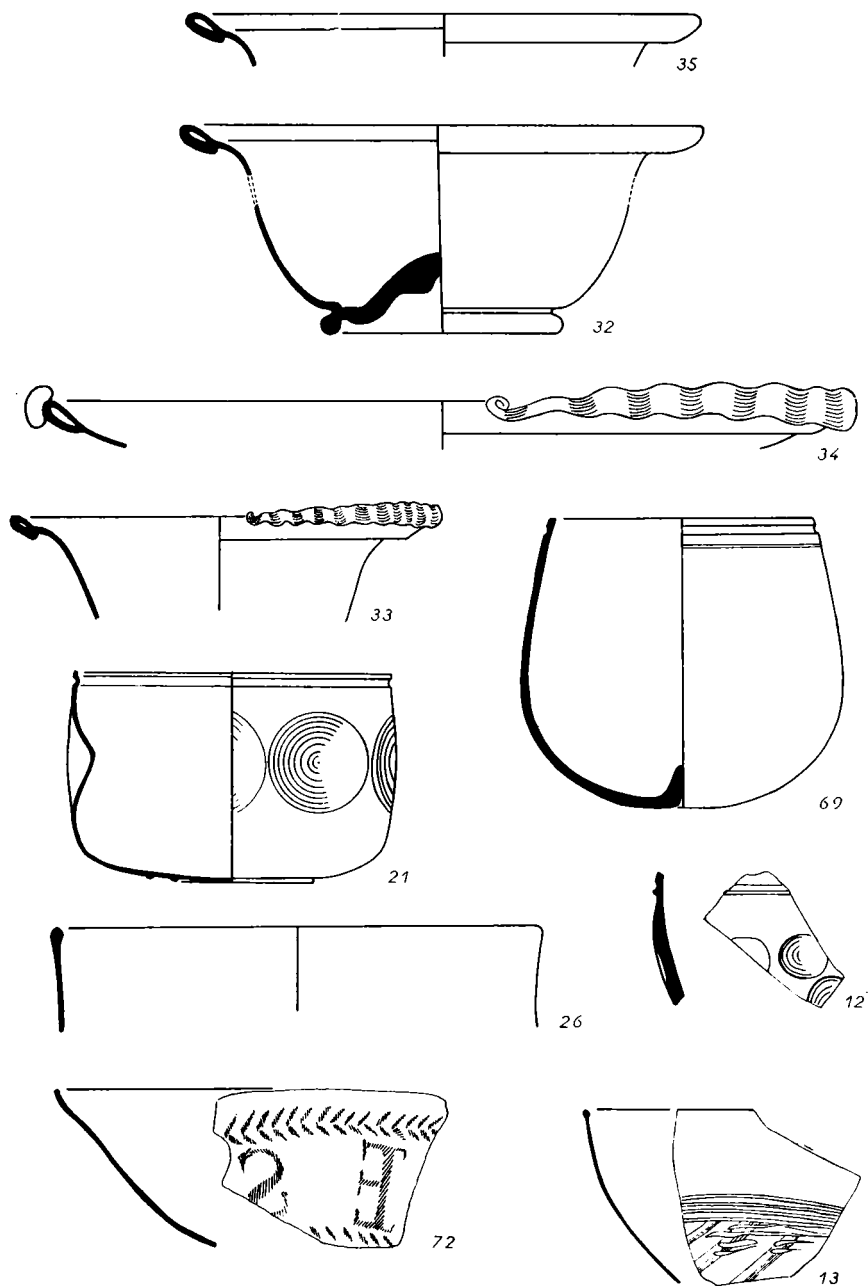
(65) Harden, «Tomb-groups of glass of Roman date from Syria and Palestine» *Iraq*, XI (1949), pp. 151-159

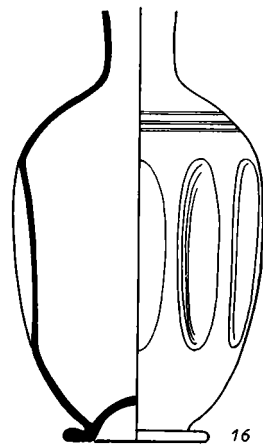
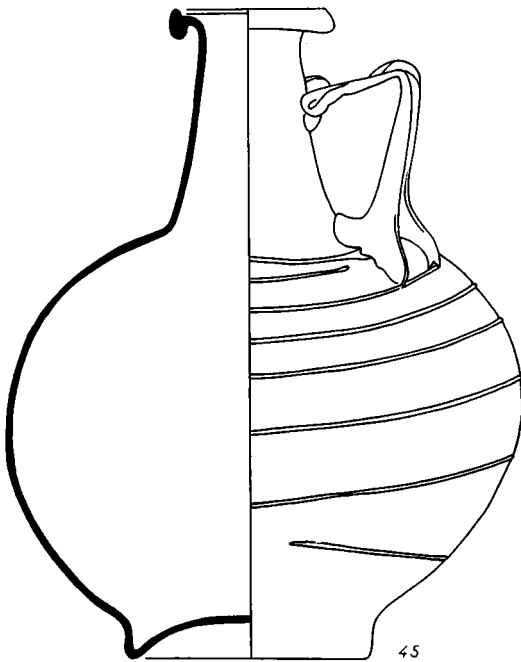
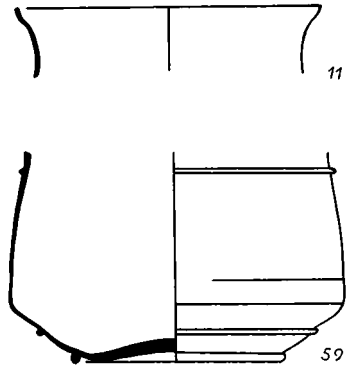
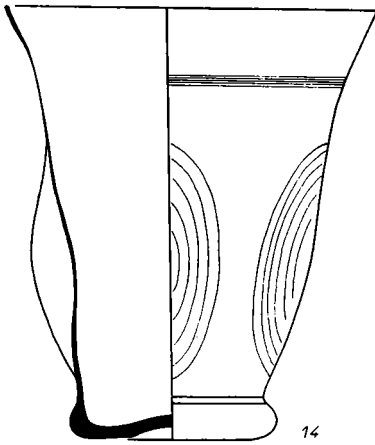
ABREVIATURAS USADAS

- ALARCÃO, 1963: J. e A. Alarcão, «Vidros romanos do Museu de Martins Sarmiento» in *Revista de Guimarães*, 73 (1963), pp. 175-209.
- , 1964: J. e A. Alarcão, «Vidros romanos do Museu Municipal da Figueira da Foz» in *Revista de Guimarães*, 74 (1964), pp. 79-116.
- , 1965: J. e A. Alarcão, *Vidros Romanos de Conimbriga*, Conimbriga, 1965.
- DUMOULIN, 1964: A. Dumoulin, «Découverte d'une nécropole gallo-romaine à Apt (Vaucluse)», *Gallia*, 22 (1964), pp. 87-110.
- ISINGS, 1957: C. Isings, *Roman glass from dated finds*, Groningen, 1957.
- MORIN-JEAN, 1913: Morin-Jean, *La verrerie en Gaule sous Vempire romain*, Paris, 1913.
- VESSBERG, 1956: O. Vessberg, *The Swedish Cyprus Expedition, vol. IV, part 3: The Hellenistic and Roman periods in Cyprus*, Estocolmo, 1956.

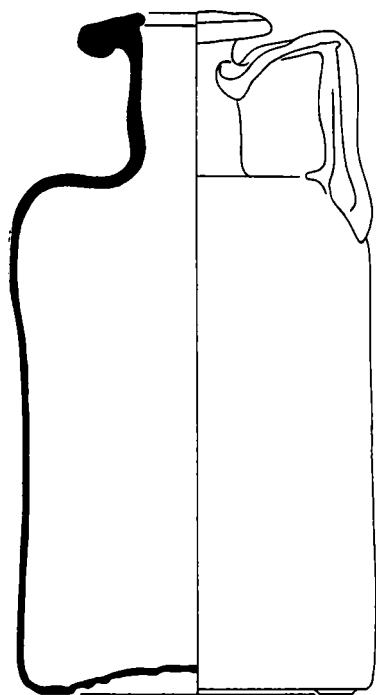
(Página deixada propositadamente em branco)



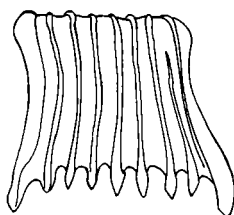




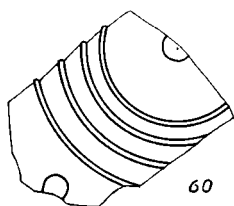
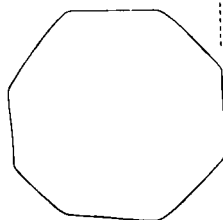
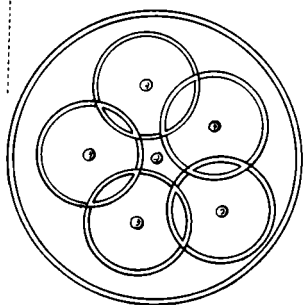
Escala 1 : 2



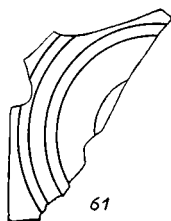
46



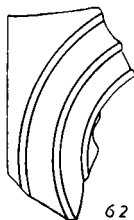
49



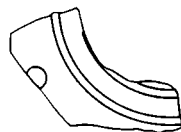
60



61

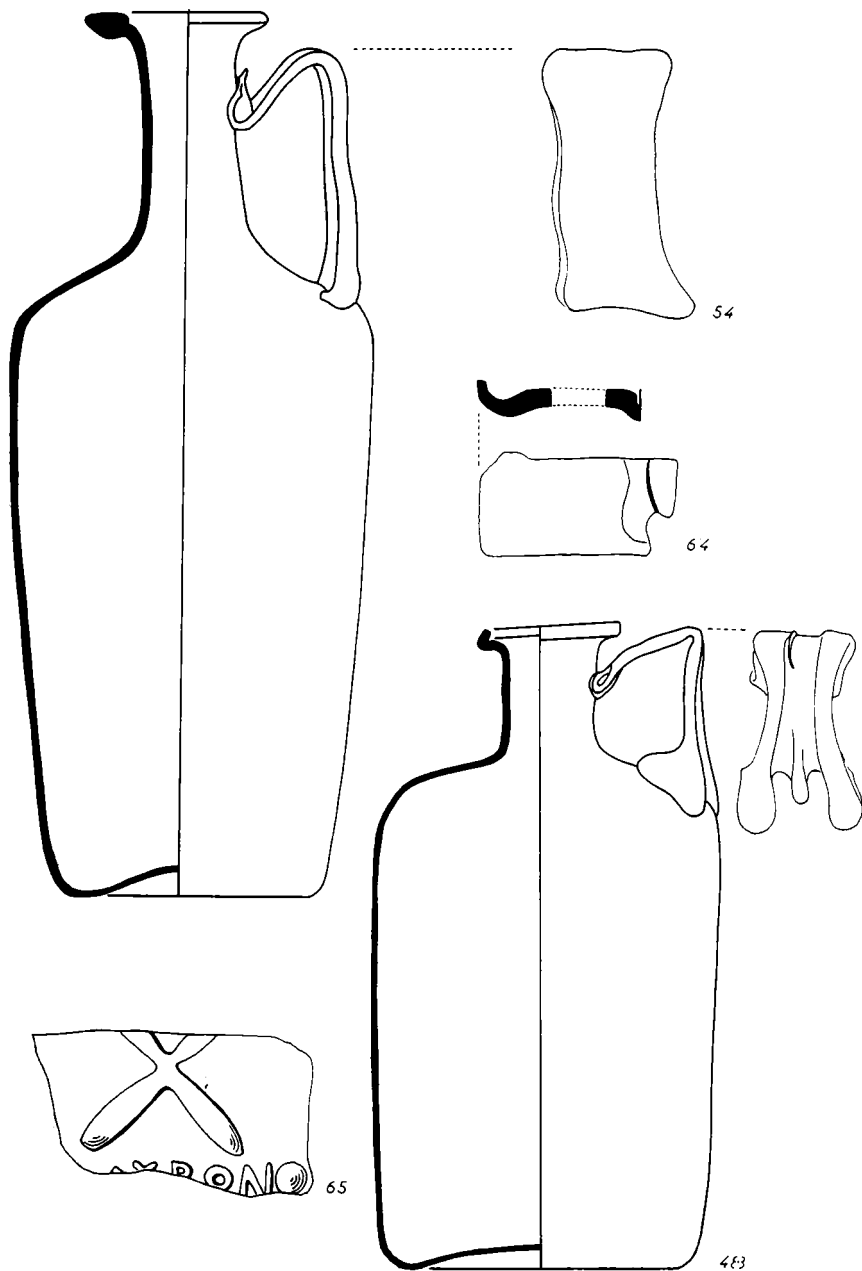


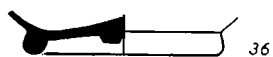
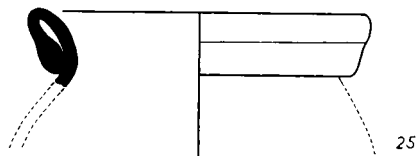
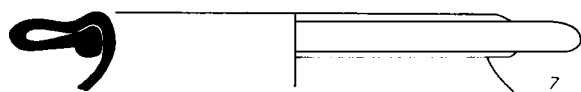
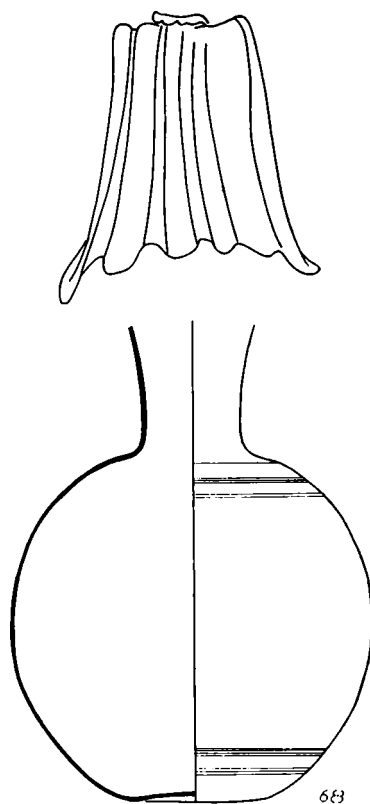
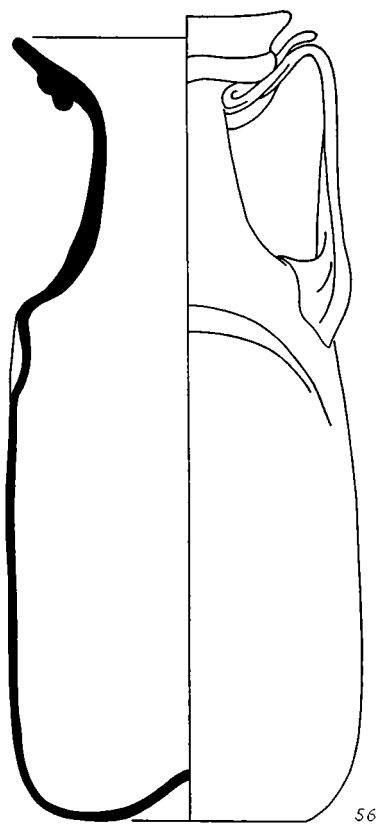
62



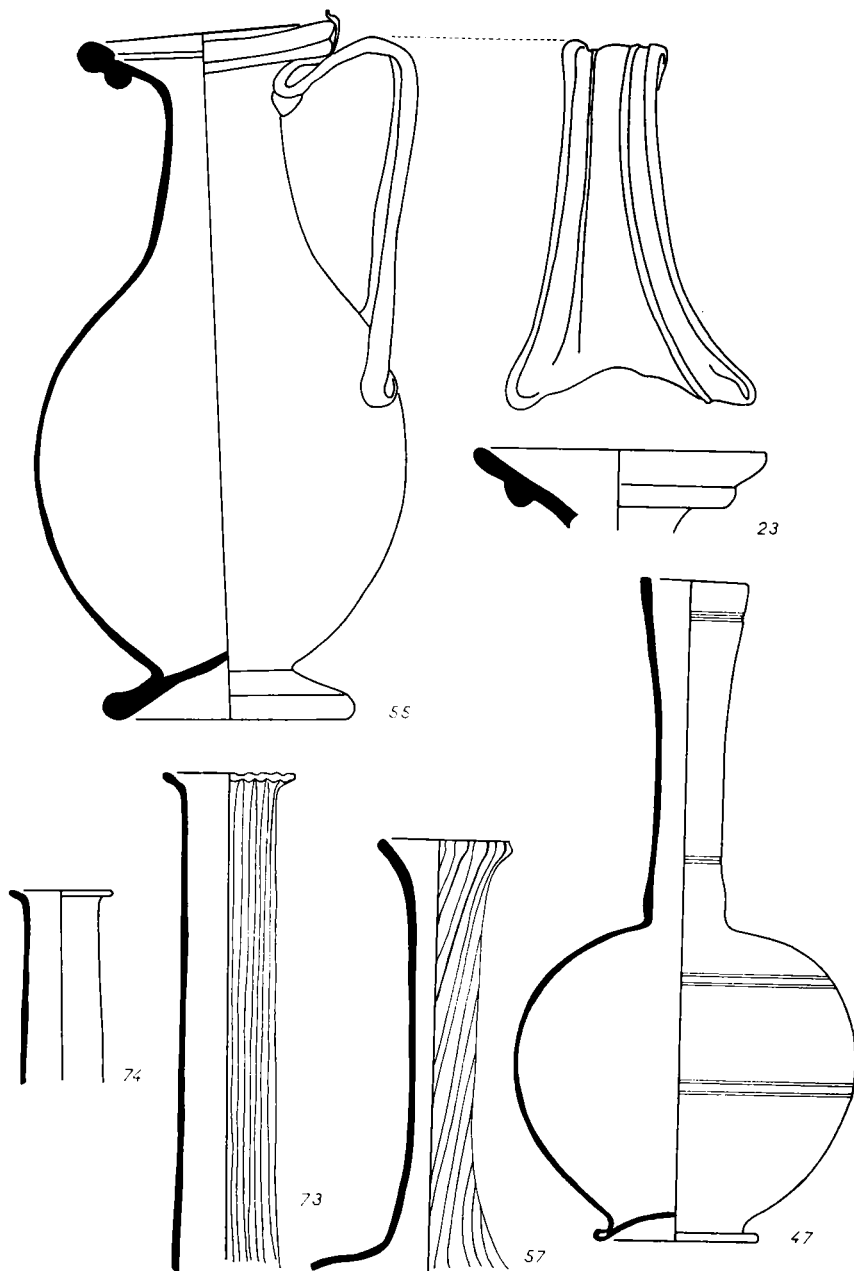
63

Escala 1 : 2

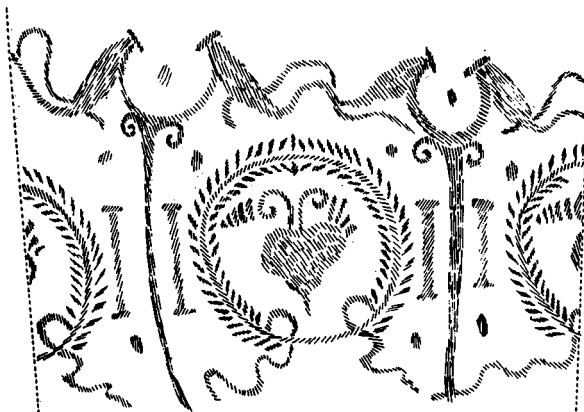
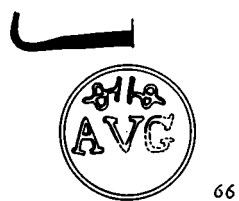
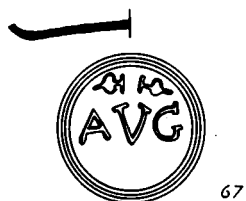
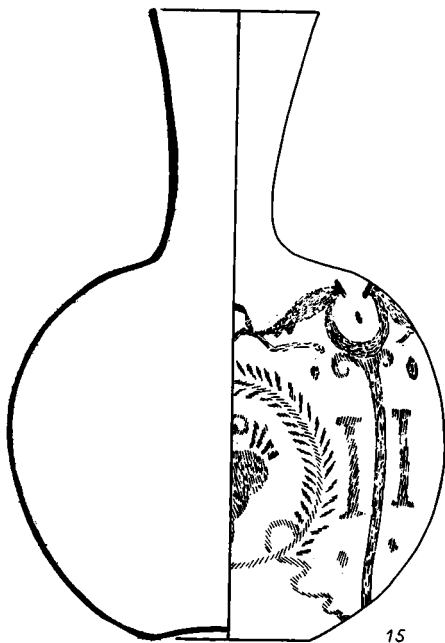


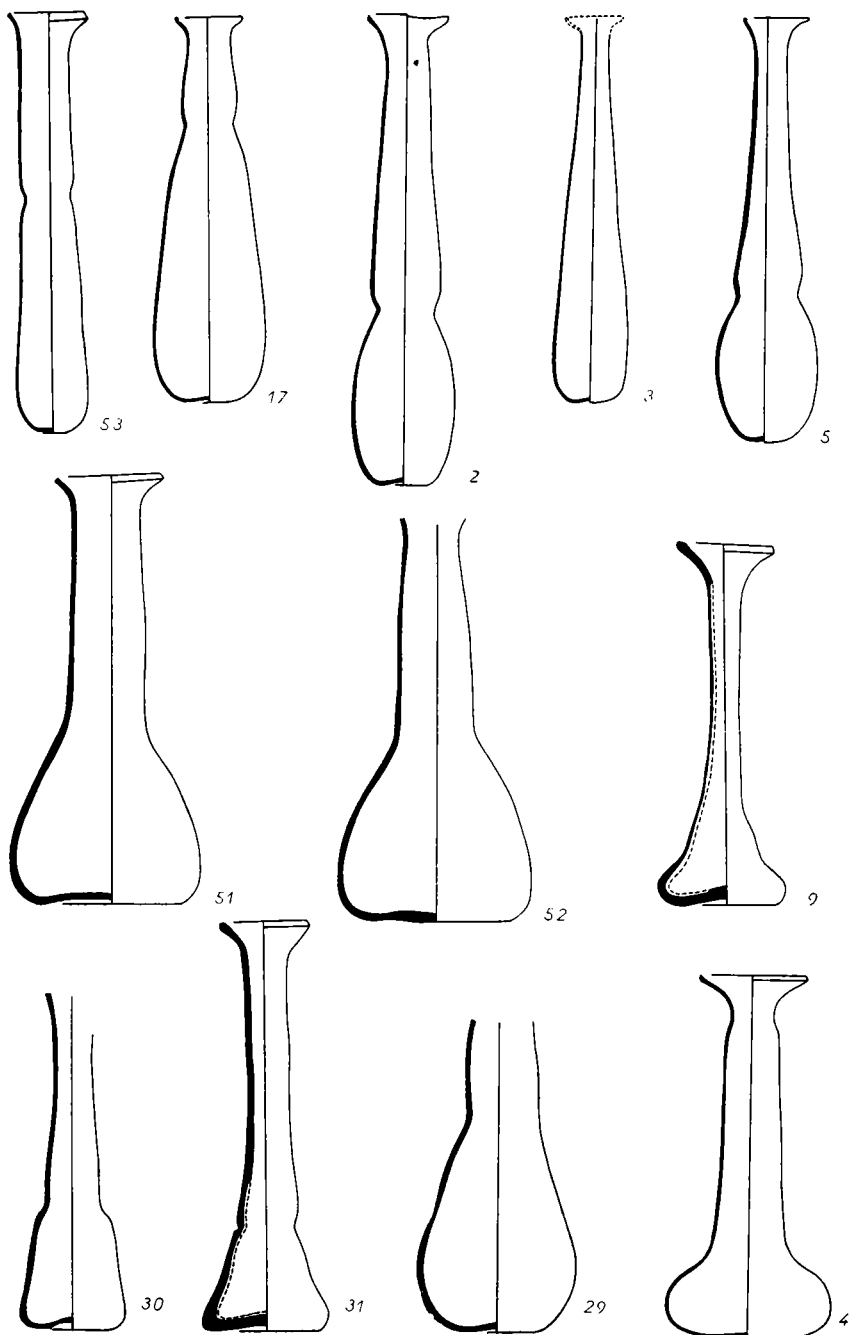


Escala 1 : 2

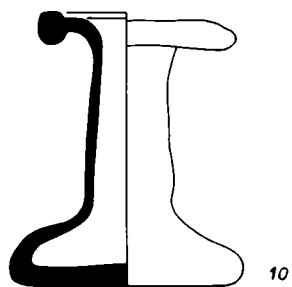
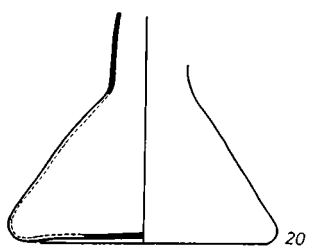
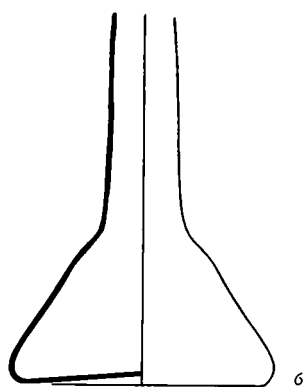
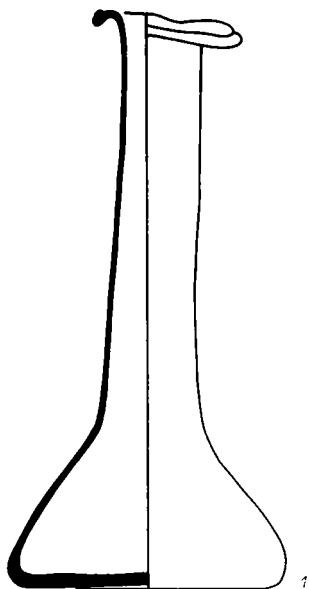


Escala 1 : 2

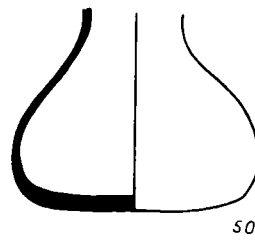
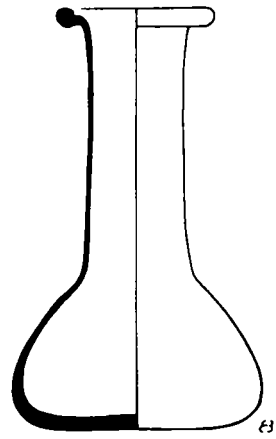
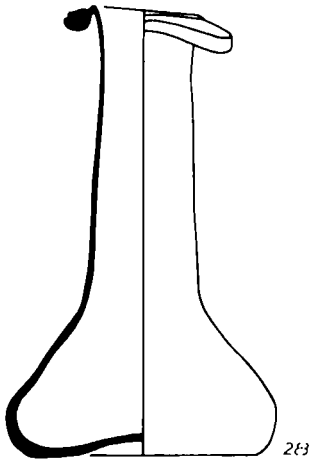
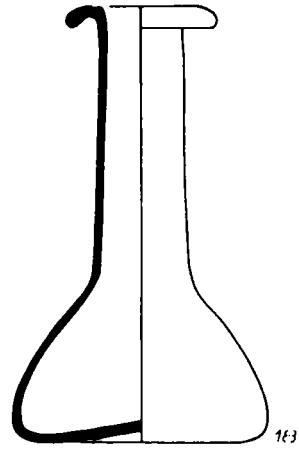
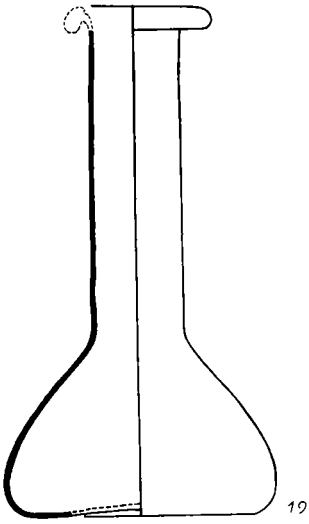




Est. X



Escala 1 : 2



(Página deixada propositadamente em branco)



56



57

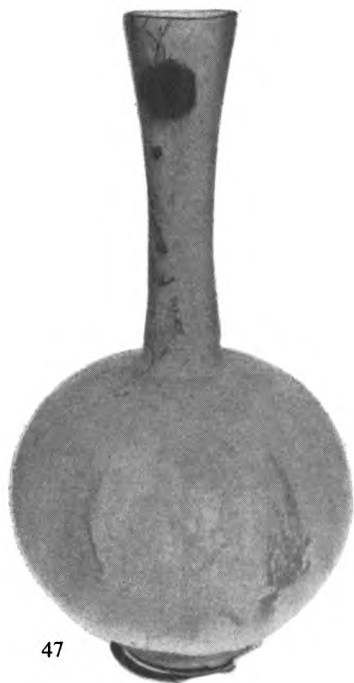


43



40

Est. XIII



47



45



22